



HOMILÉTICA



SEMEADOR

NITERÓI, 2004

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos

reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1		
Definindo Homilética		7
A Arte de Pregar		
Capítulo 2		
A Base do Sermão		19
O Texto, o Tema e o Título		
Capítulo 3		
A Estrutura do Sermão		29
Introdução, Corpo e Conclusão		
Capítulo 4		
Classes de Sermão		41
Tópico, Textual e Expositivo		
Bibliografia		52
Resposta dos Exercícios		53
Programa Curricular		54

Homilética



CAPÍTULO 1

Definindo Homilética

A Arte de pregar

Deus planejou a Igreja para manifestar a sua “multiforme sabedoria” através da mensagem (Ef. 3:10). Em toda a história bíblica, Deus inspirou sua Palavra na boca de arautos e na pena de escritores. Profetas, reis e sacerdotes foram os pregoeiros de Deus no Antigo Testamento. No Novo Testamento, a proclamação, da Palavra passou a ter significação importante através da pregação. A partir da experiência dos discursos em público, a oratória começou a ser encarada com interesse e seriedade pelos líderes da Igreja Primitiva. Surgiu, então, a necessidade de desenvolver “a arte da pregação” por métodos que incluíssem a oratória, a eloquência e a retórica. Esses três elementos formam a Homilética Sacra.

Homilética é arte de pregar em público. Arte é algo que desenvolvemos no dia-a-dia, ao colocar em prática dotes naturais. A prática dos dotes, acaba dando corpo e substância aquilo que desenvolvemos, levando-nos ao conceito final, no caso em questão, ao que chamamos de homilética.

A homilética não é propriamente a elaboração de um esboço no papel, nem tampouco seu uso normal, mas é a prática do sermão, da pregação. O termo homilética vem da palavra grega *Hehomilia*. O verbo *Homilein* era usado pelos gregos sofistas para expressar o sentido de “relacionar-se”, “conversar”. Desta palavra vem *Hemoletike*, que traduzida quer dizer “eloquência na pregação de sermões, palestra ou discurso”.

Qualquer pregador, mesmo que nem anote os versículos – base de sua pregação - ainda assim, não há dúvida de que irá obedecer regras contidas na homilética. Toda a prática do cristianismo, no que concerne à

mensagem, está na homilética. Mas quando passamos para o papel e começamos a estudar tais formas, buscando o aperfeiçoamento, temos a tendência de olharmos com desconfiança, em função de nossas fraquezas. Entretanto, de nada adiantará ter um bom esboço, conhecer profundamente a homilética, se não tivermos uma boa dose da unção – a graça – de Deus. Todo pregador deve ter em mente o significado e a importância dos três elementos já citados e que são chaves da homilética.

- Oratória: É a arte de falar em público de forma elegante, precisa, fluente e atrativa. Muitos pregadores são estudiosos, pesquisadores, inteligentes, homens de vocação; mas falham quanto a elegância e fluência na transmissão da mensagem divina.

- Eloquência: Pode ser desenvolvida na teoria e na prática da oratória. Nela o dom natural da palavra se desenvolve mais facilmente. É a faculdade adquirida ou aptidão natural do homem para persuadir, aperfeiçoada ou não pela arte. Não se deve confundir eloquência com emoção. O pregador deve saber controlar suas emoções, sem porém neutralizá-las.

- Retórica: É o estudo teórico e prático das regras que desenvolvem e aperfeiçoam o talento natural da palavra, baseando-se na observação e no raciocínio.

Por último, há três elementos importantes que devem ser claramente entendidos, dentro da homilética: o dom natural da palavra que vem de Deus; o conhecimento, que é adquirido pelo estudo concentrado e consciencioso da Bíblia; a habilidade, que é o aproveitamento do dom e do conhecimento aplicados na pregação.

A ARTE DE PREGAR

O sucesso do pregador depende não só de oração e estudo freqüente das Escrituras, mas também da sua persistência em, continuamente, melhorar a sua capacidade de expressar a Palavra de Deus. A comunicação clara é indispensável ao bom desempenho na exposição da mensagem. A arte de pregar possui vários aspectos: a voz, a técnica da oratória e o conhecimento da língua pátria.

O segredo do sucesso de uma pregação está no fato do pregador se colocar sob a influência e unção do Espírito Santo, e saber manter esta

unção, sem se deixar vencer pelos impulsos emocionais. O pregador não pode equivocar-se entre a razão e a emoção, mas deve dosá-los em seus sermões para que hajam resultados positivos. Um pregador desequilibrado emocionalmente, em momento de grande inspiração num sermão, pode perder-se quanto ao objetivo da sua pregação. O desenvolvimento do raciocínio na pregação está baseada nos conhecimentos, e estes são assimilados na leitura e meditação da Palavra de Deus. Por isso, Paulo aconselhou a Timóteo, dizendo: *“Aplica-te à leitura”* (I Tm. 4:13). O conhecimento vem à tona quando desejamos um sermão ou um estudo bíblico. Então, o raciocínio forma uma cadeia de argumentos que enriquecem os pensamentos, tornando-os mais claros. A assimilação de conhecimentos gerais fornecerá ao pregador um raciocínio rico em idéias e pensamentos os quais darão aos sermões, maturidade espiritual.

A Bíblia incentiva a busca de conhecimentos gerais quando diz: *“Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento”* (Pv. 3:13). A homilética apresenta as regras básicas de como o pregador pode tirar proveito dos conhecimentos, tanto bíblicos como extra-bíblicos, ordenando os pensamentos e dosando-os com a graça divina.

Destacaremos aqui a:

- Observação: Primeiro, de fatos externos para tirar lições e idéias surgidas (como por exemplo anotar fatos observados no dia-a-dia). Segundo, de uma análise introspectiva, isto é, observamos o nosso interior e colhemos informações quanto: aos sentimentos, ansiedades, satisfações, desejos etc.

- Consulta: Uma palavra, uma idéia ou um assunto qualquer, pode nos levar aos livros de pesquisa. Todo pregador que se preza, deve possuir uma biblioteca com o mínimo necessário para a elaboração do sermão.

- Discussão: O resultado das observações e consultas feitas, poderá ser levado a discussão no “estudo em grupo”. Quando o pregador não consegue captar suficiente entendimento em determinado assunto, nada melhor que discuti-lo com outras pessoas.

Finalizando, não pode haver verdadeiro sucesso na pregação sem o cultivo de uma vida espiritual dinâmica. O cultivo da vida espiritual abundante, deve ocupar o primeiro lugar na vida do pregador. A pobreza espiri-

tual de muitas pregações reside na falta de oração e meditação na Palavra por parte dos que as transmitem. Pela oração, o Espírito Santo põe toda a maquinaria de um sermão para funcionar, compungindo os corações penitentes e salvando pecadores arrependidos.

O PREGADOR

Pregador é alguém que recebe a mensagem de Deus e a entrega aos homens. É o que trata com Deus os interesses dos homens; e, com os homens os interesses de Deus. O pregador não é um entregador de recados. É um porta-voz de Deus. A pregação é a tarefa primordial da Igreja e, por conseguinte, dos que exercem o ministério da Palavra. Num certo sentido todo crente é um pregador do Evangelho, pelo dever de testemunhar de Cristo, mas nem todos são ministrantes da Palavra.

Requisitos Básicos para um pregador

- Regeneração: A experiência regeneradora do Espírito Santo é a primeira e a mais importante na vida de um pregador. O mero profissionalismo pode fazer um pregador. Entretanto, ninguém será pregador autêntico sem a experiência da salvação. É preciso nascer de novo (Jo. 3:3). Inteligência, teologia, oratória, homilética e eloquência não fazem de ninguém um pregador. Há mistérios espirituais que só um regenerado poderá desvendá-los (I Co. 2:14). Aos pregadores sem regeneração a Bíblia os denomina “condutores cegos” (Mt. 15:14), ou “cisternas rotas” (II Pe. 2:17).

- Vocação: Ao pregador cristão é necessário a vocação. Não a simples vocação natural da palavra, mas a especial, a espiritual e a divina. Num certo sentido, todos os crentes em Cristo participam da vocação cristã, de um chamado coletivo. Porém, é preciso distingui-la do chamado individual para o ministério da Palavra.

- Personalidade: Ao pregador, não só a regeneração e a vocação são importantes, mas também o cultivo de uma personalidade moldada na Palavra de Deus. Define-se personalidade como sendo aquilo que caracteriza uma pessoa e a distingue da outra. O crente corrige as distorções antigas da sua personalidade pela Palavra de Deus, e procura desenvolvê-la seguindo o modelo de vida cristão – Jesus. O caráter do pregador é a ex-

pressão máxima de sua personalidade, por isso, como “em nenhuma outra vocação, no ministério o caráter é decisivo”. A personalidade do pregador deve ser a sua identidade.

- Transmissão: Um dos textos mais importantes para o pregador é II Coríntios 5:20: “*De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus*”. Para transmitir a mensagem do Evangelho, o pregador precisa estar embebido na atmosfera da escritura de Paulo, consciente do seu papel de embaixador de Cristo. O pregador deve receber a mensagem divina e transmiti-la aos homens.

- Objetividade: Se o pregador tiver objetividade ao pregar, se visar unicamente a salvação de almas e a edificação da igreja será bem sucedido. O sucesso da pregação verifica-se quando a mensagem é objetiva e redimida em louvor e glória a Deus, não ao pregador. A objetividade envolve o alvo, o sucesso e o resultado da pregação.

- Experiência: A mensagem pregada, antes de tudo, deve ser sentida e experimentada na vida do pregador. O pregador dá ao povo da comida que já o saciou. Arthur S. Hoyt escreveu: “O homem chamado por Deus tem uma visão de Deus, uma visão da necessidade humana, uma visão da oportunidade”.

Cuidados que devem ser cultivados pelo pregador

- A saúde física: Boa saúde é indispensável ao pregador. O pregador pode vir a ficar enfermo em função do trabalho, mas deve cuidar do corpo, exercitando-se, alimentando-se e descansando o necessário, para desenvolver melhor o ministério. A Bíblia ensina sobre a mordomia do corpo, isto é, a administração da saúde do corpo.

- O intelecto: Não basta ao pregador boa saúde e excelente vida espiritual. A palavra intelecto vem do latim *intellectus*, que significa a ação de compreender, conhecimento. Informações e conhecimentos são aproveitados mediante o cuidado em adquiri-los e armazená-los no intelecto. Um pregador ocioso na busca de conhecimentos gerais, seculares e bíblicos, será medíocre e vazio na apresentação da mensagem. O intelecto não deve ofuscar a espiritualidade, mas ser usado em benefício da obra de Deus. Os conhecimentos gerais adquiridos darão ao pregador oportunidade de apre-

sentar pensamentos ricos, e interpretação equilibrada e atrativa aos sermões.

- A espiritualidade: Do ponto de vista bíblico existem três tipos de homens: o natural (I Co. 2:14), o carnal (I Co. 3:1) e o espiritual (I Co. 2:15). O espiritual é aquele que tem a mente de Cristo, isto é, pensa, fala e vive como Cristo. No cultivo da espiritualidade, alguns requisitos morais e espirituais devem nortear a vida do pregador:

1. Piedade: esta palavra vem do latim *pietate*, e significa “amor e respeito pelas coisas religiosas”, “comiseração”, “sentimento inspirado pelos males alheios”. Paulo exorta a Timóteo: “*Exercita-te a ti mesmo em piedade*” (I Tm. 4:7). Vida piedosa implica em reverente dedicação à obra de Deus e submissão à sua vontade. A piedade desnuda o egocentrismo, porque se preocupa com o bem do próximo. O pregador piedoso descobre na oração e meditação a necessidade de ajudar os caídos, fracos, desajustados e oprimidos. A piedade revela-se em zelo ardente pelas coisas espirituais (I Tm. 4:8; Hb. 12:28; II Pe. 1:3,6).

2. Devoção: é uma palavra que vem do latim *devotione*. Significa sentimento religioso; observância das práticas religiosas; dedicação. Devoção é a prática da piedade, por isso as duas são inseparáveis. Ser devotado à causa de Deus significa dedicação do tempo ao estudo da Bíblia e dar tempo integral à vivência de acordo com a Palavra. O pregador que cultiva com devoção o seu ministério, fá-lo com dedicação e amor.

3. Equilíbrio: o pregador precisa dominar suas emoções, equilibrar-se entre a razão e a emoção. O pregador emotivo pode perder-se do objetivo do sermão, e o racional, torná-lo cansativo e seco.

4. Sinceridade: dignifica o pregador do Evangelho. Sua pregação deve refletir a verdade contida na sua alma. A sinceridade deve ser invariável na vida e atitudes do ministro da Palavra de Deus. Ser sincero não significa ser pesado, frio e duro de palavra e atitudes; nem tão pouco usar o púlpito para ferir a dignidade alheia. Ser sincero é ser realista e nunca trair sua consciência por interesses alheios aos princípios divinos.

5. Humildade: o pregador deve estar preparado para o sucesso espiritual, não esquecendo que tudo quanto fala e faz tem seu princípio em Cristo, o maior exemplo de humildade. A vitória da humildade está na queda do EU. Humilhar-se em oração diante do Senhor significa colocar-

se nas suas mãos como o barro nas mãos do oleiro.

6. Honestidade: deve ser fator preponderante na vida do pregador, pois ele deve viver e fazer aquilo que prega. O ministério e a vida particular do pregador são inseparáveis. O pregador deve cultivar a honestidade em todo o tempo de sua vida. Suas finanças, seus tratos, sua pontualidade, suas atitudes e palavras devem refletir sua honestidade. O pregador precisa estar atento pois o Diabo procura sempre as pequenas falhas para entrar, envolver e destruir.

7. Seriedade: é a prática da honestidade. Significa atitude reverente para com o exercício do ministério. O pregador deve saber distinguir entre humor e seriedade. O humor sadio contagia um auditório sem contudo ser irreverente. Há diferença entre inspirar simpatia com uma certa dose de humor e o provocar gracejos irreverentes. A dignidade do ministério não se julga apenas pelas características pessoais do pregador mas por sua seriedade no desempenho do ministério recebido de Deus.

8. Coragem: o pregador é um homem incomum porque está revestido de uma força e coragem muito especial, emanada do Espírito. A coragem tem sua fonte em Deus. O pregador cheio da graça de Deus, enfrenta o mundo e o inferno sem temê-los, porque sua coragem está investida da autoridade divina.

9. Otimismo: o pregador cristão deve cultivar o otimismo. Ser otimista é ter fé na mensagem que prega, é crer no trabalho que realiza. O pregador otimista transmite ânimo aos abatidos, conforta os tristes, inspira confiança nos fracos e fortalece a fé dos desanimados.

O PREGADOR E SEU COMPORTAMENTO

- Preparação pessoal: Alguns cuidados devem ser tomados, no que diz respeito à sua preparação pessoal. O pregador deve lembrar que na entrega da mensagem, nada deve atrapalhar a sua concentração. O uso de técnicas de relaxamento, respiração etc., ajudam muito em sua preparação.

- Preparação espiritual: A oração é o primeiro grande passo a ser dado pelo pregador. Quando este é escalado para a entrega do sermão. “Um pregador que não ora, não prega, só fala”. Outro fator importante é a de-

pendência do Espírito Santo, pois o mesmo deve fluir desde a preparação do sermão, até o momento de se agradecer a Deus pelos resultados da mesma.

- Aparência: Outro cuidado especial que o pregador deve ter, é com relação a sua aparência. Um pregador mau vestido, desperta maus comentários, porém um pregador excessivamente elegante, tira um pouco da atenção dos ouvintes com relação ao que se prega. Roupas sóbrias e mantendo um bom padrão de decência é sinônimo de vida equilibrada e apta para atuação do Espírito Santo.

- Postura: O nosso corpo por ser uma máquina em atividade constante, também precisa estar bem ajustado e acomodado para o exercício normal das funções. O pregador precisa manter uma postura ideal para que seu corpo encontre um ponto de equilíbrio e produza bem-estar em todo o período do sermão. Nada deve estar em desacordo, para que não haja interferências, como: roupa apertada, sapato apertado, etc.

- Gesticulação: Os gestos são de extrema importância para o pregador. Através deles, pode dar mais ênfase a uma palavra, frase ou idéia. Um pregador estático, torna-se cansativo e enfadonho, para um público que quer perceber o seu entusiasmo muito antes mesmo de iniciado o sermão.

- Voz: A voz é o instrumento ou o meio principal na transmissão de uma mensagem. Por isso é necessário que o pregador tenha um cuidado especial com suas cordas vocais. Existem várias formas de cuidados específicos que podem ajudar. A voz impressiona pela sua tonalidade, limpidez e cadência. Com relação a intensidade, o tom de voz deve estar de acordo com o ambiente. Numa sala grande deve-se elevar a voz, numa sala menor deve-se abaixar o tom, e, falando ao ar livre, para uma multidão, pode-se bradar. A voz límpida é a que é produzida através das cordas vocais. Comumente o pregador precisa corrigir alguns defeitos, como a fanhosidade, a estridência, o lamento. No caso da cadência cada voz tem a sua própria. Ela favorece a enunciação correta das palavras tornando a linguagem mais compreensível. Algumas regras devem ser obedecidas a fim de se conseguir uma boa dicção: respeitar as pontuações, a ligação das palavras deve ser feita de maneira que não deturpe as mesmas, e não colocar muitas palavras agudas na mesma seqüência etc.

- Linguagem: A linguagem do pregador deve sempre ser adequada ao contexto da mensagem e ao público, para que haja uma atração mútua no momento da entrega da mensagem. Deve-se também evitar os excessos em todos os aspectos da linguagem, lembrando sempre de colher o máximo de informações do público que ouvirá a mensagem.

EXERCÍCIO

1. ____ Deus planejou a Igreja para manifestar sua “multiforme sabedoria” através da mensagem.
2. ____ Homilética é a arte de pregar em público.
3. ____ O cultivo da vida espiritual abundante deve ocupar o primeiro lugar na vida do pregador.
4. ____ A objetividade na pregação envolve o alvo, o sucesso e o resultado.
5. ____ O homem espiritual é aquele que tem a mente de Cristo.
6. ____ A mensagem pregada deve ser sentida e experimentada na vida do pregador.
7. ____ A sinceridade deve ser invariável na vida e atitudes do pregador.
8. ____ A voz é um importante instrumento na transmissão de uma mensagem.

Homilética



CAPÍTULO 2



A Base do Sermão

O Texto, o Tema e o Título

A base do sermão é constituída pelo texto bíblico, pelo tema e pelo título. Nos primórdios da Igreja, a pregação era informal, porém explanativa. Por não haver ainda um método específico de pregação, os apóstolos discorriam sobre passagens do Antigo Testamento e explicavam-nas aos ouvintes, comparando-as com os ensinamentos de Cristo. Com a expansão do Cristianismo no primeiro século, a forma de pregação começou a sofrer influências, e um certo líder cristão, chamado Orígenes, passou a substituir o uso dos textos bíblicos – e a conseqüente explicação dos mesmos – por interpretações alegóricas. Entretanto, não prevaleceu essa forma.

O TEXTO BÍBLICO NO SERMÃO

A Bíblia é a principal fonte de inspiração do pregador. E o texto bíblico é a base do sermão. Que significa a palavra texto? Ela deriva do verbo latino *texere*, que quer dizer “tecer”, “construir”, “reunir” e “compor”. O texto bíblico, fornece ao pregador o tecido, a composição organizada dos pensamentos do sermão.

Cinco razões tornam indispensável a utilização dos textos bíblicos como base do sermão:

- Dá autoridade à mensagem, porque reforça o concerto de que a Palavra de Deus é o fundamento e sustentáculo da mensagem.

- Fortalece a autoridade do pregador - lhe dá o apoio necessário.
- Exerce influência restritiva, mantendo o pregador dentro do tema da mensagem.

- Produz unidade de pensamentos na ordem do sermão.

- Preserva o sermão das divagações.

Agora que você já sabe o que é um texto e qual a sua importância na pregação, verá em seguida que, para um sermão, devem ser escolhidos textos adequados. A escolha dos textos devem ser feitas com cuidado e com um espírito constante de oração. Certos princípios e regras na seleção desses textos devem ser seguidos para que se evitem interpretações erradas, distorcidas e forçadas. Sendo assim, escolha:

1. Textos que expressem um pensamento completo;

2. Textos claros, que facilitem a assimilação dos ouvintes;

3. Textos objetivos – que respondam às necessidades dos ouvintes;

4. Textos sobre os quais não haja dificuldade de interpretação;

5. Textos de fácil memorização: pregador e ouvintes;

6. Textos que tenham relação direta e objetiva com o tema do sermão;

7. Textos que “tenha algo que ver, sentir; fazer – que incentivem a atenção total das pessoas.

No caso de mais de um texto-base, deve-se ter alguns cuidados. Algumas regras devem ser obedecidas, por exemplo, no caso:

- Perguntar ----- responder. Exemplo:

“Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?” (Sl. 8:4)

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm. 8:16).

- Apresentar um problema — apontar a solução. Exemplo:

“E haverá sinais no sol, na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas...” (Lc. 21:25).

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo. 14:27).

- Mostrar vários aspectos de uma mesma verdade. Exemplo:

“Lança o teu cuidado sobre o Senhor, e ele te susterá; nunca permitirá que o justo seja abalado” (Sl. 55:22).

“Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo. Porque cada qual levará a sua própria carga” (Gl. 6:2,5).

- Mostrar a seqüência de um pensamento. Exemplo:

“E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt. 16:16).

“E havia grande murmuração entre a multidão a respeito dele. Diziam alguns: Ele é bom. E outros diziam: Não; antes, engana, o povo” (Jo. 7:12)

“E muitos deles diziam: Tem demônio e está fora de si; por que o ouvís?” (Jo. 10:20).

A Bíblia não pode ser interpretada de qualquer maneira e fora do contexto global. Quando são escolhidos os textos, tanto os que servem de base e os de referências, para um sermão, eles merecem cuidados especiais, pois fazem parte da Palavra de Deus. Seguir as regras de interpretação da Bíblia, é fundamental, para evitar desvios doutrinários, exageros e danos espirituais aos ouvintes. Algumas regras básicas são importantes para se interpretar textos bíblicos:

- Interpretar fiel e corretamente o texto. O texto deve ser interpretado e aplicado de acordo com o seu sentido real – não se deve tentar dizer além do que o texto escolhido se refere. Na Bíblia encontramos a linguagem literal e a figurada, por isso o pregador deve ter o máximo de cuidado quanto à sua interpretação. Jamais dê ao texto bíblico um sentido que ele não tem.

- Recorrer ao contexto. Significa examinar o que precede e sucede ao texto que, por regra de hermenêutica, não pode ser interpretado isoladamente. A interpretação de um texto isoladamente, torna-se superficial, estranha e medíocre; o que não acontece quando analisado à luz do seu contexto. O contexto das passagens bíblicas oferece subsídios variados: histórico, gramatical, autoral, doutrinário, lingüístico, geográfico etc.

- Explicar a escritura pela escritura. Esta regra ensina que a Bíblia interpreta a si mesma. Realmente, o confronto da Bíblia com ela mesma, esclarece o texto, enriquece-o, define e complementa-o, além de, resolver aparentes contradições. A Bíblia é um todo. É bom lembrar que o primeiro

intérprete da Bíblia foi o diabo. Ele tomou as palavras do Criador (Gn. 3:1-5). Não as negou, nem as modificou, mas, astutamente, deu-lhes um sentido que não tinham (Gn. 3:16,17). Ele cometeu dois erros: a omissão e a adição.

- Interpretar o texto conforme o ensino geral da Bíblia. Alguns pregadores afirmam ter recebido revelação especial sobre um texto, mas cujo conteúdo se choca com o ensino bíblico. Tudo o que é revelado sem o apoio das Escrituras é falso. “O que chamamos de revelação, de fato, é a iluminação de partes obscuras à nossa compreensão, mas já reveladas na Palavra de Deus”.

Um último tópico importante sobre o texto bíblico é como estudá-lo. O que é necessário conhecer sobre um texto para poder usá-lo em um sermão. Os pontos importantes são: POR QUEM, QUANDO, A QUEM, POR QUÊ, ONDE e COMO foi escrito. Procurar conhecer o que significa o texto, através da época em que foi escrito, por quem foi escrito e porque foi escrito, ajuda a se ter uma interpretação correta do mesmo.

Existem hoje muitos materiais didáticos tratando das maneiras e costumes bíblicos, que falam detalhadamente do contexto histórico de cada época e sobre os autores que foram escolhidos para escreverem cada texto. Levando-se em conta esses dados se entenderá muito mais o significado, facilitará na interpretação do texto escolhido, e, como o mesmo pode ser usado e aplicado nos dias de hoje.

O TEMA E O TÍTULO DO SERMÃO

Há uma inter-relação entre tema, título e proposição. O tema é o assunto, a idéia central do sermão. Num certo sentido está associado à proposição, porque envolve a idéia geral. No caso do tema e do título para se evitar confusão podemos dizer que o tema é o assunto do sermão e o título é o nome que se dá ao assunto. Entretanto, as vezes pode-se reunir os dois, dando um único sentido.

A palavra Tema vem da raiz grega *théma* que significa “ponho”, “coloco”, “deposito”, trazendo a idéia de algo que está dentro ou no meio de alguma coisa. Dentro do sermão (em síntese) é exatamente esta a posição do tema.

Para a elaboração e constituição de Temas, é importante considerar algumas regras básicas. Para cada sermão deve haver apenas um tema e ao formarmos um tema para um sermão devemos visar o seu objetivo. Entretanto, existe a possibilidade de se escolher um tema múltiplo. O tema múltiplo é o generalizado, do qual se pode extrair outros temas. Para melhor compreensão, daremos um exemplo de tema múltiplo: O Arrependimento – A Salvação – A Justificação. Dessas três palavras que compõem o tema, pode-se desdobrar em vários outros temas. O procedimento ideal para a formação de temas é dar-lhes ou indicar-lhes um caminho a ser seguido. Na maioria das vezes um tema múltiplo desvia a atenção do ouvinte e o confunde, e, muitas das vezes o tempo de sua explanação é pequeno para apresentação.

Alguns requisitos são importantes na escolha de um tema:

1. Escolha temas com riqueza de conteúdo, mas de fácil comunicação;
2. Escolha temas apropriados à época, lugar e ocasião, pois podem produzir resultados positivos;
3. Escolha temas que se relacionam com a realidade presente do auditório;
4. Escolha temas que tenham condições de desenvolver;
5. Escolha temas que produzam bênçãos;
6. Fuja de temas triviais e frívolos.

O Título do sermão direciona o assunto do sermão. Por ele o pregador anuncia o rumo da pregação. Definindo o tema geral, o título será o seu endereçamento, o fio da meada. Título é o nome que se dá ao sermão. Vejamos a seguir algumas formas de Títulos:

1. Exclamativo. Pode ser facilmente encontrado na Bíblia. Exemplo: *“Esforça-te e tem bom ânimo!”* (Js. 1:6).
2. Enfático. É aquele que aparece sob a forma de uma palavra ou de uma frase. Ele provê uma direção fixa para o sermão. Exemplo: “Amor” – “Deus é amor”.
3. Interrogativo. É em forma de pergunta. É um tipo fácil de encontrar na Bíblia. Podemos observar que o rumo desse sermão é a contestação. Exemplo: *“Que farei para me salvar?”* (At. 16:31).
4. Declarativo. É o tirado de uma declaração bíblica. O pregador de-

ve se preocupar em desenvolver o significado e a comprovação da declaração. Exemplo: “*Cristo é tudo em todos*” (Cl. 3:11)

5. Imperativo. É encontrado na Bíblia em forma de mandamento ou ordem divina. Exemplo: “Sede santos”.

6. Histórico ou biográfico. Deve-se ter o cuidado de por em destaque o aspecto mais importante. Exemplo: “A fidelidade de José”.

Ao escolher um título o pregador deve visar as necessidades mais prementes da congregação. Algumas qualidades devem ser levadas em consideração quando da escolha de um título:

1º) Objetividade: O título deve ser dirigido a um alvo. Às vezes, o título oferece um assunto, mas não tem propósito, e o sermão perde a sua razão de ser.

2º) Vitalidade. O título é vital quando contém energia divina. Ele desperta o interesse do ouvinte. A Palavra de Deus é vivaz e eficaz.

3º) Coerência e pertinência. O título deve, entre um ponto e outro, permanecer dentro do mesmo assunto. Cada ponto e subponto do sermão devem estar devidamente relacionados, isto é, devem ter pertinência.

4º) Relação legítima com a Bíblia. Sempre deve estar em concordância e relação com a Bíblia.

O título pode ser encontrado no próprio texto, por inferência dedutiva, indutiva ou análoga. Vejamos os três casos:

- Inferência Dedutiva: o texto apresenta uma verdade de caráter geral e pode-se tirar o título dessa verdade. Exemplo: Romanos 8: 1, fala de segurança, título: “Segurança em Cristo”.

- Inferência Indutiva: o pregador pode tirar de um caso particular, da história ou da biografia. Por exemplo: Os dez leprosos de Lucas 17:11-19, são um caso particular – Título: “O Perigo da Ingratidão”.

- Inferência Análoga: o título é descoberto por analogia. Por exemplo: analogia entre dois textos: Êxodo 12:1-13 e João 1:29. O sangue do cordeiro pascal e o sacrifício de Jesus no Calvário.

Podemos observar que há uma diferença pequena entre o título e o tema do sermão. Muitos dos itens abordados para o título se encaixam e ajudam na formação do tema. O mais importante é a apresentação de te-

mas e títulos que não vulgarizem o púlpito sagrado. O lugar onde se prega a Palavra de Deus deve ser consagrado. Atitudes irreverentes, títulos e temas extravagantes, sensacionalistas, irônicos e críticos fogem ao propósito espiritual dos sermões.


Para finalizar este capítulo, podemos citar algumas fontes de geração de temas e títulos, como por exemplo, a leitura de um bom livro, jornal ou revista; uma notícia, frase, pregação ou palestra poderão ajudar na escolha de um tema ou título. A leitura de bons livros, não somente evangélicos, poderão enriquecer a cultura do pregador. Organizar uma biblioteca própria é muito importante. Deve-se também estar em dia com os assuntos atuais. Os meios de comunicação lhe darão um panorama dos problemas mundiais. Outra fonte é ter em mãos um bloco de anotações, ou uma agenda pessoal, para anotar pensamentos e idéias novas que brotarem na mente, nas circunstâncias e lugares diversos.

Mas, o mais importante, e a principal fonte de inspiração é a Bíblia. O hábito de ler, meditar, estudar em oração a Palavra de Deus dará ao pregador a capacidade espiritual para elaborar os seus sermões.


EXERCÍCIO

1. ____ A base do sermão é constituída pelo texto, tema e título.
2. ____ O uso do texto bíblico preserva o sermão das divagações.
3. ____ É muito importante interpretar fiel e corretamente o texto.
4. ____ O tema é o assunto, a idéia central do sermão.
5. ____ Para cada sermão o ideal é ter apenas um tema.
6. ____ O título do sermão direciona o assunto do sermão.
7. ____ Um título é vital quando contém energia divina.
8. ____ A objetividade deve ser levada em conta na escolha de um título.

Homilética



CAPÍTULO 3



A Estrutura do Sermão

Introdução, Corpo e Conclusão

Até esse ponto estudamos o lado técnico e prático do sermão. Agora estudaremos as partes que constituem o todo de um sermão. Três são as partes essenciais que formam a estrutura do sermão: INTRODUÇÃO, CORPO e CONCLUSÃO. Elas fazem parte da organização do sermão com as devidas divisões básicas, para orientar o pregador na elaboração e apresentação da mensagem.

A INTRODUÇÃO DO SERMÃO

É o ponto de contato entre o pregador e o auditório. Tecnicamente, denomina-se “exórdio”, e é parte vital do sermão. A introdução deve ser feita quando o pregador tiver fixado o propósito do sermão, escolhido o texto, determinado o tema e organizado o esboço; então, ele estará pronto para preparar a introdução do sermão. A introdução deve ser preparada por último, pois é através dela que o pregador apresentará ao auditório o que irá falar no sermão.

A introdução é algo inteiramente preparatório. Presta-se a mostrar, em síntese, a proposição do sermão. O pregador precisa ter a habilidade em despertar o interesse dos ouvintes para a mensagem no momento da apresentação da introdução.

Requisitos para uma boa introdução:

1. Breve e objetiva. A introdução deve visar diretamente o assunto

principal e deve apresentar apenas o essencial de uma pregação, facilitando o acompanhamento do auditório e estimulando o interesse e a atenção. Toda citação, explicação, exemplo ou incidente, caso usado na introdução, devem ser apresentados de forma que culminam no objetivo principal do sermão.

2. **Apropriada.** A introdução não é a saudação do pregador, mas a apresentação do assunto, com o qual deve ter pertinência. Seu objetivo é conduzir os ouvintes para dentro do sermão.

3. **Interessante.** O propósito inicial de uma introdução deve ser atrair a atenção dos ouvintes para o assunto que será desenvolvido. Um modo de torná-lo interessante é contando um testemunho ou evento atual relacionado ao tema; ou passar alguma informação que seja de interesse vital dos ouvintes, e, deste modo, conduzi-los para dentro do sermão.

4. **Simples.** Uma introdução muito técnica torna-se inexpressiva. A simplicidade é uma qualidade primordial ao sucesso da pregação. Não se deve começar o sermão de forma arrogante. E não se deve na introdução prometer mais do que realmente se tem para apresentar.

Fontes para uma boa introdução

1. **Texto bíblico.** Este é o ponto de partida para se encontrar uma boa introdução. Se for um texto biográfico ou histórico, poderão ser resumidos os aspectos gerais do texto; se doutrinário ou exortativo, requer-se explicação resumida. Não é regra geral que o texto seja explicado, mas é importante para certos tipos de sermões. Em resumo, o texto pode oferecer a idéia para uma boa introdução.

2. **Contexto.** Pode ser o do próprio texto escolhido como base da pregação, como também pode ser o contexto histórico, biográfico ou doutrinário. A descrição de algum lugar ou evento relacionado com a passagem bíblica, ajudará numa boa introdução.

3. **Ilustração.** Pode ser empregada uma breve ilustração que tenha relação direta com o tema e possa chamar a atenção do auditório. As vezes pode-se utilizar uma ilustração visual, mas a mais viável para o púlpito é a narrada.

4. **Fatos e eventos atuais.** Adaptar um evento recente que tenha relação com o tema do sermão. É uma forma bem positiva, porque liga o

conteúdo do sermão com o que o ouvinte ouviu ou leu recentemente.

5. Frases ou provérbios. Esta forma de introduzir a mensagem é bem mais retórica, mas é válida, se feita com propriedade. Pode iniciar com um provérbio de Salomão, por exemplo, detalhando rapidamente o pensamento de forma que o ouvinte se desperte para a verdade que será apresentada. Mas tudo deve ser expresso com simplicidade.

6. Experiência pessoal. Se bem objetiva, sem excessos de pormenores, é uma forma agradável de começar um sermão. Entretanto, não se pode esquecer que o objetivo desta fonte é ligar a introdução com o assunto do sermão.

7. Ocasões especiais. Nesse caso o pregador precisará saber de antemão qual é o fato do culto: inauguração, aniversário, reuniões cívicas, formaturas, cerimônias fúnebres, de casamento etc. Em qualquer dessas ocasiões o pregador poderá tirar uma boa introdução para o sermão.

O CORPO DO SERMÃO

É a parte principal. Tem a ver com a ordem das divisões, constituída de pontos e subpontos. Outros nomes também são dados ao corpo do sermão: argumentação, tratamento, movimento, esboço, esqueleto e discussão. O corpo do sermão envolve a organização do mesmo com suas divisões técnicas, que orientam o pregador na apresentação da mensagem. Podemos defini-lo como uma associação de idéias que finalizam num só alvo.

Ele deve ser bem apresentado e ao mesmo tempo mesclado com o sabor da graça de Deus. Somente assim, o pregador pode se enquadrar no exemplo típico do divino Mestre. Dele se diz: “.. *Todos...se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca...*” (Lc. 4:22).

Para se elaborar o corpo do sermão não basta a idéia geral do assunto, tem que se levar em conta as divisões e subdivisões quantas forem necessárias. Entretanto, precisam estar ligadas e conservar a ordem lógica. O objetivo das divisões é explicar, provar e aplicar os argumentos expostos. Esses três modos indicam “o princípio, o meio e o fim”, que devem nortear um sermão.

Princípios da divisão do sermão

1. Ordem própria. O sermão de idéias desordenadas não será assimi-

lado pelo auditório. Pregar um sermão sem ordenar os pensamentos é levar os ouvintes a várias direções. Todo sermão precisa possuir uma ordem própria. Algumas regras vitais devem ser obedecidas para movimentar progressivamente o sermão:

2. Ordem lógica dos pontos e subpontos: Cuide para que os pontos não se tornem sermões independentes dentro do sermão. Cada ponto deve estar em harmonia com os demais, no desdobramento do corpo do sermão; deve sempre obedecer uma ordem lógica.

3. Ordem ascendente. Isto significa que, quanto ao assunto, as divisões devem apresentá-lo de maneira evolutiva. Os argumentos mais brandos conduzem aos mais fortes e as divisões aumentam em força à medida que progridem. Se a mensagem possui pontos negativos e positivos, o ideal é começar pelos negativos ou mais fracos, para concluir com os pontos positivos.

4. Ordem cronológica/numérica. A cronologia deve obedecer à ordem lógica dos pensamentos. Não adianta ordenar numericamente os pensamentos do sermão sem que estejam distribuídos de forma lógica e ascendente.

5. Transição de um pensamento para outro. A transição é a ponte que liga os pontos do sermão, de modo que o auditório não se perca na evolução da mensagem. Entre pontos principais distintos faz-se necessária uma passagem suave e segura.

6. Pertinência entre as divisões do sermão. Significa que as divisões (ou pontos) do sermão devem ter relação entre si, isto é, devem estar devidamente ligadas com o tema e o propósito do sermão. Não se deve pregar dois sermões ao mesmo tempo. Um sermão deve ter um só tema, um só propósito e uma só forma de elaboração. Outro ponto é que deve-se ter habilidade em aplicar lições tiradas de fatos passados ao presente. Elas devem ter ligação uma com a outra.

7. Evitar a digressão. Digressão é o desvio de rumo ou do assunto. A disposição desordenada dos pensamentos leva o pregador a perder o fio das idéias, fica sem rumo. Ocorre também a digressão quando o pregador lembra algum pensamento de um ponto anterior e resolve apresentá-lo. Essa colocação fora de lógica fará com que o pregador e o auditório percam o rumo do sermão.

8. Uniformidade e simetria. Cada divisão do sermão deve ter relação uniforme com a outra. Divisões desconexas e independentes mutilam a uniformidade do sermão. Devem também ter simetria; devem ter correspondência entre partes situadas em lados opostos ou ter harmonia resultante de certas combinações e proporções.

9. Harmonia. Nas divisões de um sermão a harmonia prende-se ao facto de que, os pontos principais, ainda que distintos, devem se relacionar devidamente. Harmonia nas divisões do sermão deriva da arte de formar e dispor os pensamentos principais ordenadamente. Significa a concórdia que deve existir entre as divisões de um sermão.

Ordem das divisões

O movimento do sermão depende, em parte, da ordem das divisões. Cada sermão deve ter uma ordem, a fim de que cada pensamento siga um caminho lógico e natural.

1. Divisão lógica. Preocupa-se em princípio, com o desenvolvimento do tema. A divisão lógica evita que o pregador se ponha a pregar três ou quatro sermões ao mesmo tempo. Isso não quer dizer que o sermão não pode ter três ou quatro pontos ou divisões. Tomemos dois exemplos:

1º) O que não é divisão lógica.

Tema: A Bendita Esperança

Texto: Tito 2:13

Divisões: I. É o reino milenar com Cristo

II. É o arrebatamento da Igreja

III. É a ressurreição dos salvos.

As divisões têm relação com o tema, mas estão fora da ordem lógica, isto é, não apresentam seqüência doutrinária.

2º) O que é divisão lógica.

Tema: A Bendita Esperança

Texto: Tito 2:13

Divisões: I. É a ressurreição dos salvos.

II. É o arrebatamento da Igreja

III. É a morada dos salvos com Cristo

As divisões têm relação com o tema e estão na ordem lógica, isto é, apresentam seqüência doutrinária.

2. Divisão cronológica. É geralmente desdobrada de três modos ou fases, que permitem uma organização do esboço, proporcionando simetria e beleza à estrutura do sermão. Exemplo:

Tema: A Fé

Texto: Hebreus 11:1

Introdução

Divisão:

I. Que é fé

1. É a certeza das coisas que se esperam

II. O fato da Fé

1. A obra expiatória de Cristo

2. A operação do Espírito Santo

Não há uma regra quanto ao número de pontos principais e subpontos de um sermão. Normalmente são determinados pela natureza do tema ou pelo conteúdo do texto bíblico. Mas, o mais importante é a organização.

Quatro perguntas básicas de um sermão

O sermão deve responder a quatro perguntas básicas: QUÊ?, PORQUÊ?, COMO?, QUE, FAZER? Chamamos de perguntas básicas pelo fato de que elas nortearão a preparação de seus sermões.

A primeira pergunta: QUÊ?

Esta pergunta preocupa-se em apresentar a origem de alguma coisa nova ou diferente. Respondê-la é definir, explicar ou esclarecer coisas ou fatos. Modos de responder a essa pergunta:

a. Definindo: O primeiro ato é definir o que vai falar; definir o assunto.

b. Explicando: Se é um texto de difícil interpretação precisa-se explicar literal ou simbolicamente, para que se possa desenvolver o restante do sermão.

c. Comparando: É um método que objetiva revelar verdades profundas que, de modo direto, seriam difíceis de serem compreendidas. Esse método requer imaginação, clareza e objetividade. Jesus foi hábil com as comparações nas pregações e ensinos.

d. Ilustrando: pode ser usado um fato bíblico ou uma experiência

qualquer, que esclarece a questão. Jesus é um exemplo na utilização desse método.

A segunda pergunta: POR QUÊ?

Nesta segunda pergunta, o pregador mostra o porquê do assunto, a razão, o fato, a prova. Não é suficiente mostrar aos ouvintes a origem do assunto; deve-se também provar sua necessidade. Neste caso, o pregador terá de argumentar. Deve-se mostrar “causa e feito”.

A terceira pergunta: COMO?

Com esta pergunta o pregador conduzirá os ouvintes a entender como pode algo acontecer, e sob qual condição pode ser recebido ou cumprido.

A quarta pergunta: QUE, FAZER?

Nesta pergunta se encontra o ponto culminante do sermão. É a aplicação da mensagem parte principal. De nada nos vale responder as três perguntas anteriores, se não soubermos convencer o ouvinte a desejar ou fazer aquilo que se está oferecendo. Alguns pregadores sabem apresentar uma boa pregação, mas não sabem fazer a sua aplicação às necessidades dos ouvintes. Com esta pergunta, o pregador deve conduzir a pregação de tal forma que possa impelir o ouvinte a tomar uma atitude ao lado do Senhor, movido pelo Espírito Santo.

CONCLUSÃO

É o epílogo, a parte final de um discurso. A aplicação final e definitiva do sermão está na conclusão, porque nesta parte o pregador chega ao clímax da mensagem. O êxito da mensagem depende de uma boa conclusão. É fundamental que o pregador saiba entrar e sair do sermão.

No sentido homiliasta, a conclusão é a síntese de todas as verdades que foram ditas no corpo do sermão. Ela deve ser breve. Lamentavelmente, alguns pregadores, se esquecem da importância da conclusão, e, como resultado, seus sermões, embora cuidadosamente preparados, fracassam no ponto crucial.

Não cabe na conclusão discutir outros pensamentos. Seu propósito é reafirmar verdades expostas, determinar e indicar meios, oferecer oportunidade, e, essencialmente, fazer o fechamento do que já foi dito no sermão.

Existem alguns modos de se elaborar a conclusão:

1. Recapitulando. Implica em lembrar, sucinta e objetivamente, os pensamentos principais sem discuti-los outra vez. É uma forma de se evitar conclusões improvisadas e sem ligação com a mensagem.

2. Narrando. Um fato bíblico ou um testemunho que venha a cativar os ouvintes, bem como levá-los à decisão.

3. Ilustrando. Pode muito ajudar no apelo final o uso de uma ilustração, pois ativa os poderes da imaginação. Entretanto, deve ser objetiva, e apelar à mente e às emoções dos ouvintes. O objetivo é levar o ouvinte à decisão.

4. Convidando. O convite é o efeito, o resultado do propósito do sermão. O convite tem por objetivo persuadir a pessoa a tomar uma decisão, mas deve ser feito somente após a mensagem. Fazer um convite não significa impor uma vontade, nem exigir uma resposta. Ele deve, antes de tudo, estar mergulhado na unção do Espírito Santo, que é quem convence o pecador do seu pecado. Deve-se evitar ataques às crenças das pessoas, não se deve utilizar de truques psicológicos, mas, mostrar sensibilidade, respeito, sinceridade e carinho para com as pessoas e suas necessidades. O convite deve ser claro, positivo, simpático, insistente, mas amoroso.

A conclusão do sermão visa o resultado positivo daquilo que se ministrou, pregou. Por exemplo, quando pregamos a palavra da Salvação aos pecadores, a aplicação da conclusão deve ser o convite (o apelo). Se é ministrado a necessidade do crente ser batizado com o Espírito Santo, a conclusão, nesse caso, deve ser um convite para uma oração de poder, a fim de que Deus batiza com o Espírito Santo. Quando o sermão se baseia na cura divina, a conclusão deve ser um apelo às pessoas doentes a participarem de uma oração, a fim de que recebam saúde.

O importante, enfatizando mais uma vez, é conduzir os ouvintes a decisão de receber a Jesus como Salvador, a ter fé em Deus para resolver seus problemas e curar suas enfermidade, a levá-los a uma vida de santidade, e, principalmente de compromisso com o Reino de Deus.

EXERCÍCIO

1. ____ Formam a estrutura do sermão: o título, o texto e o tema.
2. ____ A introdução é a primeira coisa a ser feita em um sermão.
3. ____ Ser objetiva e breve é um requisito para uma boa introdução.
4. ____ Frases e provérbios podem ser utilizados como fonte para uma introdução
5. ____ O corpo do sermão é constituído por pontos e subpontos.
6. ____ Digressão é o desvio de um assunto.
7. ____ Cada sermão deve ter uma ordem, pode ser lógica ou cronológica.
8. ____ A conclusão é o epílogo, a parte final de um discurso.

Homilética



CAPÍTULO 4



Classes de Sermão

Tópico, Textual e Expositivo

No capítulo anterior, tratamos acerca da estrutura do sermão. Neste capítulo, veremos como trabalhar essa estrutura. São vários os tipos de sermões a serem pregados. Três classes de sermões englobam todos os tipos possíveis: evangelísticos, doutrinários, avivalísticos, exegéticos e ocasionais. Eles são denominados: (1) Sermão Tópico; (2) Sermão Textual; (3) Sermão Expositivo. Há textos bíblicos que servem para qualquer classe de sermões. Como cada pregador tem características próprias, a classe e o tipo de sermão têm muito a ver com a preferência pessoal.

AS CLASSES DE SERMÃO

1. Sermão tópico ou temático

É aquele cujas divisões são extraídas do tema ou assunto, independentemente do texto bíblico. Nesta classe de sermão, o texto bíblico fornece o assunto, a idéia e o pensamento que norteará a mensagem.

A dissertação do sermão temático não se concentra no texto, ou numa parte das escrituras; e sim, em todas as partes das escrituras onde aquele tema está em foco. O título principal em tal sermão, naturalmente, não se baseia na análise de um versículo ou passagem, como geralmente se faz em outros sermões, mas na análise do assunto. Na seleção do tema, deve-se buscar a direção do Espírito Santo, que dará à medida que se passa tempo em oração e meditação na Palavra de Deus.

Uma das vantagens da pregação temática é que o pregador é levado

a desenvolver e aprimorar os pensamentos e a linguagem do sermão. Se o pregador é criativo e versátil, tem mais facilidade de encontrar inspiração para sermões temáticos.

Este tipo de sermão facilita a divisão do assunto, dá maior unidade ao sermão, oferece maior campo de ação e abre espaço para o desenvolvimento do tema, e, ainda oferece análise lógica do tema.

Exemplo:

Tema: O Poder no Sangue de Jesus

Texto: I Pedro 1:18,19

Introdução: No Antigo Testamento, o sangue da expiação era o de animais de valor temporal, mas Jesus ofereceu seu sangue de valor eterno.

Divisão:

I. Seu poder Redentor – Is. 53:10

II. Seu poder purificador – I Jo. 1:7

III. Seu poder protetor – Ex. 12:13

Conclusão: A eficácia do sangue de Jesus é incalculável, pois tem o poder de promover no coração do pecador mudança total.

2. Sermão textual

É aquele que se baseia no texto bíblico. É aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de uma breve porção da Bíblia. Essa porção pode ser, dependendo da natureza do sermão, uma linha, um versículo ou até mesmo dois ou três versículos. Não deve ser mais do que isto, pois nesse caso não se trata mais de uma porção para um sermão textual, e, sim uma porção para um sermão expositivo.

A importância dos sermões textuais está na preocupação com a interpretação do texto. Exige-se habilidade para tratar o texto com o respeito exegético que ele requer. Pesquisar o seu contexto gramatical, histórico e geográfico, doutrinário ou teológico, linguagem literal ou figurada etc., é o requisito mínimo para se elaborar um sermão textual com eficiência e clareza.

Há três tipos de sermões textuais: Natural, Analítico e Sintético. Os três tipos derivam de texto bíblico, mas, cada um tem a sua forma própria de elaboração .

A) Textual natural: É feita conforme a idéia do sermão fornecida pelo texto. A distinção das idéias está no texto, e cabe ao pregador colocar em destaque tais idéias. Exemplo:

Texto: I Coríntios 13:13

Divisões:

I – Fé

II – Esperança

III – Amor

B) Textual analítica: Neste tipo de divisão, o pregador preocupa-se essencialmente em achar a idéia geral do texto. O pregador deverá analisar com cuidado e profunda devoção o texto; deverá estudar: frases, contexto gramatical, histórico, geográfico, teológico e prático. O pregador não pode mudar a ordem cronológica do texto.

Algumas perguntas ajudam a elaborar as divisões principais: QUEM?, QUÊ?, QUANDO?, POR QUÊ?, COMO? e ONDE?. Neste tipo de divisão, tem-se que colocar em ordem as partes principais do texto, sem ser preciso usar literalmente as palavras. Exemplo:

Texto: Lucas 15:17-24

Divisões:

I – Reconheceu seu estado perdido (v. 17)

II – Resolveu voltar ao lar (v. 18)

III – Confessou seu pecado (vv. 19,21)

IV – Foi recebido e perdoado (vv. 20,21)

V – Reconquistou seus direitos perdidos (vv. 22-24)

C) Textual sintética: A palavra sintética vem de síntese e significa, comumente, “resumo”. Para elaborar esta divisão, deve-se tomar o texto escolhido e resumir suas partes principais. Nesta divisão o pregador tem liberdade de organizar seu esboço sem preocupar-se com a ordem das partes do texto.

Não precisa colocar em ordem cronológica, pode-se apenas dar uma ordem lógica conforme o assunto que será apresentado. A divisão sintética pode ser modificada a ordem, porque ela se preocupa com o assunto que o texto apresenta. Tanto a ordem das partes do texto, quanto o tema, podem ser alterados. Exemplo:

Tema: O Bom Pastor

Texto: João 10:10-14

Divisões:

I – O mercenário (vv. 12,13)

II – O ladrão (v. 10)

III – O lobo (v. 12)

IV – O Bom Pastor (vv. 11,14)

3. Sermão expositivo

É aquele que externa, que mostra ou expõe uma verdade contida num determinado texto da Escrituras. É, antes de qualquer outra coisa, um modo de ensinar. De modo mais explícito, o sermão expositivo tem a função primária de colocar à vista o que está obscuro, de declarar a verdade que está inserida na Palavra de Deus.

A missão do pregador num sermão expositivo é o de colocar diante do povo o que Deus colocou em sua Palavra, sem aumentar ou diminuir o que está literalmente escrito. O pregador deve tirar o tema do texto, pois a maior parte do material deste sermão provém diretamente do texto.

O sermão expositivo não obriga o pregador a fazer uma exegese minuciosa de cada versículo. Este sermão não é uma coletânea de pensamentos espirituais escoradas em versículos bíblicos, ele é o esboço tópico de uma passagem, que é periférico e superficial.

Para o preparo de sermões expositivos, alguns conselhos são úteis e contribuirão para uma compreensão maior, vejamos:

- a. Não fuja do texto, fique nele e explique-o .
- b. Estude plenamente cada frase e cada palavra do texto. Interpretando-o dentro das regras de hermenêutica.
- c. Escolha textos que contenham aplicação prática, não viole o propósito, nem o significado do texto em seu contexto original.
- d. Cultive a leitura sistemática da Palavra de Deus, acompanhada de oração constante.
- e. Cultive o hábito de anotar pensamentos e referências bíblicas.
- f. Cuidado com as falsas aplicações que produzem conceitos errados e desviam os ouvintes da autêntica doutrina.

Exemplo:

Tema: Cristo, o Senhor dos Senhores

Texto: Colossenses 1

Introdução: Saudação inicial de Paulo (vv.1,2) e Ação de Graças (vv. 3-8)

Divisões:

I – Cristo, o Senhor Pleno (vv. 13-23)

II – Cristo, o Senhor do ministério de Paulo (vv. 24-29)

III – Confessou seu pecado (vv. 19,21)

Conclusão: Cristo conquistou o senhorio sobre todas as coisas, na Sua vitória no Calvário.

RECURSOS AUXILIARES DO SERMÃO

Texto, proposição, tema, título, introdução, corpo e conclusão são a base e a estrutura do sermão. Neste item apresentamos alguns recursos auxiliares que tem a finalidade de reforçar os argumentos. Um bom sermão precisa estar revestido dos materiais de elaboração adequados, para que o esboço seja um todo, um conjunto de pensamentos ricos e ungidos pelo Espírito Santo. Vejamos a seguir alguns recursos que poderão ajudar:

1. Recursos que apelam ao entendimento

Não confundir “apelação” que é adotada por alguns pregadores, que não tendo êxito na mensagem, apelam para as emoções dos ouvintes. Aqui, apelar ao entendimento implica em atrair a atenção para as verdades espirituais. O apelo ao entendimento requer argumentos claros, concisos e precisos. Seu objetivo é persuadir.

Jesus foi mestre na arte da persuasão. Ele sabia explorar as ocasiões, apelando ao entendimento dos ouvintes. Sabia despertar-lhes o raciocínio, apelar aos sentimentos e levá-los a decisões. Veja os textos abaixo:

“Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo, vem o maligno e arrebatá o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho. ... Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro, sessenta, e outro, trinta” (Mt. 13:19,23).

“E, chamando a si a multidão, disse-lhes: Ouvi e entendei..” (Mt. 15:10).

“E, respondendo ele, disse: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo” (Lc. 10:27).

Alguns dos recursos que ajudam no apelo ao entendimento:

- Definição: definir termos teológicos e palavras não muito usuais exige do pregador cuidado especial. Mas ao definir uma verdade ou palavra não deve ser muito acadêmico, use linguagem clara e objetiva. A definição considera quatro requisitos: (1) Não conter elementos supérfluos; (2) Ser objetiva sem ser restritiva; (3) Não conter suposições; (4) Evitar repetições inúteis e viciosas.

- Narração: narrar é uma arte que todo pregador deve cultivar. A narração tem a utilidade de aclarar um ponto de vista, que para produzir o efeito desejado o auditório precisa vivê-la.

- Descrição: é o ato ou efeito de descrever; expor através de uma palavra falada ou escrita. O pregador deve cultivar a capacidade de observar e captar o que vê. Para uma boa descrição há três requisitos: (1) Olhar bem; (2) Reter bem; (3) Reconstruir bem.

- Exemplificação: os exemplos podem ser tirados do cotidiano. Jesus ensinava verdades espirituais com exemplos corretos. Esta é uma arte de explicar na maioria das vezes coisas abstratas com exemplos concretos.

- Comparação: procura mostrar o contraste entre fatos e coisas. Faz-se comparação no exame simultâneo das semelhanças, diferenças ou relações entre pessoas, coisas ou animais; ou ainda, compara-se com o fim de igualar e equiparar.

2. Recursos que apelam ao raciocínio

Conduzir os ouvintes a raciocinar significa discorrer sobre determinado assunto, levando-o a usar a razão para conhecer e julgar. Constitui-se em um método eficaz para elucidar e provar verdades apresentadas. Geralmente, os pregadores buscam através das evidências as respostas certas. A mensagem principal dos cristãos primitivos, por exemplo, era a ressurreição de Jesus, e o modo de prová-las era pelas evidências proféticas e históricas.

Utilizar-se desses recursos não significa racionalizar as verdades es-

pirituais. As verdades da Bíblia precisam ser interpretadas e argumentadas com mente espiritual, sem contudo, eliminar a lógica.

Os recursos de apelação ao raciocínio precisam ser regidos por alguns requisitos:

- O pregador deve estar persuadido do argumento que deseja provar.
- Jamais tente provar algo cujo êxito não seja seguro.
- A lógica demasiada na argumentação deve ser evitada, para não cansar o ouvinte.
- A argumentação longa deve ser intercalada com uma boa ilustração.
- O apelo deve iniciar com argumentos fáceis de serem entendidos.
- Os argumentos escolhidos devem ser os mais eficazes, ou seja, os que provoquem interesse do auditório.

3. Recursos que apelam à necessidade

A exposição do sermão não pode ser mera demonstração de conhecimentos bíblicos e seculares. Ao apelar para o entendimento, raciocínio e sentimentos, o pregador deve ter em mente, o preenchimento das necessidades morais e espirituais do ouvinte. Argumentar sobre o poder do Evangelho sem tocar nos sentimentos e necessidades do pecador é querer entortar ferro frio. Entretanto, “a pregação que está sobrecarregada de apelações emotivas pode provocar muitas confissões de fé, porém, produzirá poucas e verdadeiras conversões ao Senhor”, disse James Crane. Por outro lado, segundo o mesmo autor, “a apelação às emoções (e necessidades) tende a unificar a igreja”.

4. Recursos de ilustração

A ilustração tem por finalidade fazer com que o ouvinte veja com os olhos da mente. Ilustrar é esclarecer, elucidar, comentar e explicar. Pode ter, também, o sentido de transmitir conhecimentos, de instruir. Normalmente, a ilustração envolve algo conhecido de todos. Pode vir na forma de uma parábola, história verídica, alegoria, experiência pessoal, fato histórico ou aspecto histórico-biográfico. Adquirimos nossos conhecimentos através dos cinco sentidos naturais: visão, audição, tato, olfato e paladar. A visão e a audição assimilam mais conhecimentos que os outros sentidos.

Portanto, o pregador deve explorar esses dois agentes físicos para

ajudar na exposição do sermão. Porém, o valor da ilustração é secundário; o que se deve valorizar, de fato, é a exposição da Palavra.

- São requisitos da ilustração:
- Ter íntima relação com a necessidade dos ouvintes.
- Esclarecer quaisquer dúvidas acerca das verdades divinas.
- Ser clara e simples.
- Dar vivacidade à verdade apresentada.
- Ser apropriada e introduzida no momento oportuno.
- Ser sem exagero, ser exata e objetiva.
- Não ser longa, detalhada e cansativa.

O uso das ilustrações deve ser feito com disciplina. Por isso, nunca tente organizar um sermão baseado numa ilustração, ela deve ser apenas um material auxiliar; nunca use uma ilustração que precise ser explicada e cujos os fatos sejam duvidosos; não use ilustrações que roubem a atenção do assunto principal do sermão; cuidado com os exageros, etc.

Várias são as fontes nas quais se pode encontrar boas ilustrações. Elas podem surgir principalmente de observações cotidianas e de pesquisa. Todo pregador deve cultivar o hábito de obter recursos para a elaboração dos sermões. Jesus, tirava proveito de todos os incidentes ocorridos, de palestras feitas, de observações no campo, na casa, no templo, nos costumes da sua época; Ele é um exemplo para o pregador que utiliza ilustrações em suas pregações.

EXERCÍCIO

1. ____ Suas divisões são extraídas do tema ou assunto — Sermão Textual.
2. ____ Ele se baseia em trechos grandes do texto bíblico — Sermão Expositivo.
3. ____ No sermão textual natural a idéia do sermão é fornecida no texto.
4. ____ Na divisão sintética pode se modificada a ordem do texto.
5. ____ O apelo ao entendimento requer argumentos claros e precisos.
6. ____ O pregador deve estar persuadido do argumento que deseja provar—recurso que apela ao raciocínio.
7. ____ A ilustração tem por finalidade fazer o ouvinte ver com os olhos da mente.
8. ____ O valor da ilustração no sermão está em primeiro lugar, em segundo está a Palavra de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- 📖 O pregador eficaz. Elienai Cabral. CPAD.
- 📖 Homilética, o pregador e o sermão. Severino Pedro da Silva. CPAD.
- 📖 Homilética. EETAD.
- 📖 Apostila de Homilética. Pr. Messias Anacleto Rosa. Igreja Maranata.
- 📖 Curso de Homilética Prática para Pregadores Leigos. Prof. Edvan Xavier. Igreja Batista em Belford Rocha

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

	lição 1	lição 2	lição 3	lição 4
1	C	C	E	E
2	C	C	E	C
3	C	C	C	C
4	C	C	C	C
5	C	C	C	C
6	C	C	C	C
7	C	C	C	C
8	C	C	C	E

**Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de
Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático